

PKS

**PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT**

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

**OPEN
JOURNAL
SYSTEMS**

LIVROS NAS PRATELEIRAS, VERBOS NO CHÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA, LITERATURA E EXISTÊNCIA

Angelita Pereira de Lima¹; Eguimar Felício Chaveiro²

*1 – Professora de Comunicação Social-Jornalismo da UFG. Doutoranda em Geografia.
anja.angelita@gmail.com*

2 – Professora Universidade Federal de Goiás. eguimar@hotmail.com

Artigo recebido em 29/03/2011 e aceito em 04/10/2011

RESUMO

O presente artigo é resultado das discussões realizadas no âmbito do grupo de Estudos e Pesquisa “Dona Alzira” – Espaço, sujeito e existência, vinculado ao Laboter/IESA/UFG e tem como objetivo principal promover uma aproximação entre Geografia e Literatura para saber se esta pode conferir ao discurso/fazer geográfico algum grau de acesso ao conhecimento além da racionalidade hegemônica. A indagação nuclear que preside as reflexões é: como proceder a aproximação entre Geografia e Literatura capaz de, em mantendo a tradição de conhecimento e as pretensões simbólicas e culturais próprias de cada um desses campos do labor humano, promover um diálogo de forma a enriquecer o modo geográfico de ler o mundo? Seria Literatura uma espécie de lente capaz de fortalecer a Geografia como modo de compreender o olhar dos outros? Diante disso, afirmamos que a análise geográfica necessita superar o tipo de abordagem em que utiliza e instrumentaliza a Literatura como ilustração e documento da realidade. A nosso ver, a Literatura não só informa ao discurso geográfico que a narrativa é polissêmica – e que assim também é a realidade / o espaço vivido - como convida o/a geógrafo/a a assumir o papel de narrador atravessado por toda a subjetividade que esse lugar pressupõe.

Palavras-chave: literatura, geografia e existência.

BOOKS ON THE SHELVES, VERBS ON THE FLOOR: APPROACHES AMONG GEOGRAPHY, LITERATURE AND EXISTENCE

ABSTRACT

This article is the result of discussions performed under the group of Studies and Researches “Dona Alzira” – Space, Subject and Existence, linked to Laboter/IESA/UFG whose main objective is to promote an approach between Geography and Literature to discover if it can give to the geographical speech/making some degree of access to the knowledge beyond the hegemonic rationality. The nuclear quest that moves the reflections is: How is it possible to approach Geography and Literature, keeping the tradition of knowledge and the symbolic pretensions of each one of these human labor fields, promoting a dialogue in order to enrich the geographic way of reading the world? Would Literature be a kind of lens able to strengthen Geography as a way to understand the other’s viewpoint? Given this, we argue that the geographical analysis needs to overcome the kind of approach that uses and instrumentalizes Literature to illustrate and document the reality. In our view, Literature not only informs to the geographical discourse that narrative is polysemous – and so is also the reality / the lived space – but also invites the geographer to assume the role of narrator, crossed by all the subjectivity that this place presupposes.

Keywords: literature, geography and existence.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos formular uma proposta de encontro entre Geografia e a Literatura para saber se esta pode conferir ao discurso/fazer geográfico algum grau de acesso ao conhecimento além da racionalidade hegemônica. Consideramos que sim. Buscamos conhecer os níveis em que a Literatura operaria junto ao discurso geográfico-científico de modo a ampliar a visão geográfica do mundo ou acrescentar alguma qualidade a ela. Um pressuposto guiará as reflexões que seguirão: a autonomia de cada um dos campos em questão deve ser resguardada para que surja o diálogo sem confundi-los, talvez transfundi-los. Isso impõe uma questão metodológica: tomar a narrativa ficcional como guardião de uma realidade humana só possível ao prisma estético; e compreender que no labor científico há – pode e deve haver – o percurso da imaginação. Em síntese: o real esposa-se na imaginação; e esta é uma propriedade de mudança de qualidade da ciência.

O cenário da produção geográfica brasileira atual matiza a característica que é própria desse momento histórico: há uma separação de temas, linhas de pesquisa, eventos e laboratórios que institucionalizam a fragmentação do saber geográfico sob o comando de uma organização para a produção que o tempo

atual requisita; e há, noutra vertente, imensas possibilidades de, em saindo do que Amorim (2006) denomina “fiscalização epistemológica”, ter a liberdade de recriar a leitura do espaço por meio de aportes da arte, de outras linguagens e de outros campos de saberes. Enquanto a fragmentação deserda as conquistas efetivadas no sentido de politizar o saber geográfico, a pluralidade teórica e metodológica permite o/a geógrafo/a enxergar, analisar, interpretar e compreender as densas experiências humanas como um dado espacial. Uma abordagem presa na mística dos números ou apenas nas estruturas conceituais fora das experiências existenciais do sujeito pode olvidar as tramas do afeto, dos sentimentos, das significações, das artimanhas do poder e, então, produzir uma concepção de ser humano tão-somente exteriorizado ao espaço.

A alusão fortemente apregoada por geógrafos como Cavalcanti (2008), Moreira (2006), e Santos (1999) de que a geografia é um modo de conhecer o mundo, a natureza e o ser humano, pela via da espacialidade, põe em evidência a necessidade de captar as densidades espaciais das situações, dos eventos e das tramas sociais. Isso pode ser compreendido no modo como Santos avalia a relação entre o lugar e o espaço:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organizações e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 1999, p.322).

A importância do espaço – e de suas categorias de análise como o lugar - na constituição dos imaginários, na delimitação de fronteiras territoriais, no modo como as diversas identidades estabelecem vínculos com o mundo, no processo social de subjetivação e enfrentamento de conflitos econômicos e políticos deve ultrapassar a situação de um palco. Trata-se de conceber que a existência humana encarna o espaço do

mesmo modo que o produz pela ação, pela relação e pelos conflitos. Dito de outra forma, a pessoa humana confirma sua existência ao espacializar sua experiência, ao eleger/situar seu estar em algum lugar do mundo. Nele diz o seu nome: vida entrelaçada.

Além disso, o espaço é costurado por ações e símbolos que silenciosamente em suas formas, em suas estruturas e arranjos, guardam dimensões do tempo como a memória, o trabalho realizado por gerações passadas, situações das lutas de classe, tipos de exercícios de poder etc. Por conseguinte, viver impõe ocupar o espaço incessantemente. Isso quer dizer: exercê-lo pela prática, apropriar social e culturalmente dos lugares e matizar as paisagens. Realizar marcas sobre o espaço e internalizar as suas forças inclui, decisivamente, outra operação social: atribuir-lhe significação.

É justamente nesse quesito denso da relação entre vida e espaço que Geografia e Literatura podem fundar um encontro e, pelo diálogo, promover um aprofundamento em suas interpretações. Qual seria a contribuição da Literatura?

A literatura mostra o mundo vivido por seus personagens, suas dificuldades, alegrias, cores e movimentos. Os símbolos e signos surgem por meio de uma subjetividade e estão deambulando e gritando pelas ruas da cidade, esperando que alguém atente os ouça e os

liberte para que vivam além do seu tempo. De uma maneira livre, fundada no critério estético, a literatura é, ao mesmo tempo, voz e escuta do mundo (Sousa, 2010, pg 28).

Desprovida de uma intenção científica, fora da raia do conceito e da obrigação metodológica, a realidade circunstancial e relacional que muitas vezes escapole dos diagramas dos números ou das metas a serem alcançadas dos projetos de pesquisa, se oferece ao literato como seiva real para a construção de sua imaginação ficcional. De maneira sutil e engenhosa, em muitos casos, as imagens inventadas pelas narrativas literárias iluminam realidades humanas acobertadas ou dissimuladas pelas ideologias e pela percepção presa aos *habitus* simbólicos do *metiê* científico. E não raras vezes a ficção antecipa realidades por meio de seu atributo de liberdade criativa.

A ferramenta do/a literato/a é a palavra escrita com a qual ele age sobre o mundo criando imagens em forma de narrativas. Para efetivar as narrações, a trama de seu pensamento mobiliza o signo e a realidade, e transforma as imagens em labor estético. Longe de a estética fundar apenas o compromisso com o belo, o leitor interage com a obra, acessando, por meio dela, suas realidades adormecidas, suscitando vontades, redirecionando sonhos, utopias e criando o que se tem denominado “educação da sensibilidade”. As histórias,

a estrutura, as situações, as personagens ainda que inventadas pela imaginação ficcional, palmilham mundos a partir do mundo real historicamente situado; as personagens trilham espaços a partir dos espaços socialmente determinados. Onde se compreende: as histórias inventadas nascem do chão. Se a narrativa é uma forma de criar a vida pela significação estética, a vida é substância de toda – e qualquer – tipo de narrativa.

Mas diferente do que pode parecer, a abertura de sentido ocasionada pela imaginação ficcional, os recursos de linguagem utilizados pelo/a literato/a, especialmente o estilo narrativo, os fundamentos culturais de que faz uso para escrever e criar, tudo isso decorre de uma referencialidade ao real, ou pelo menos aos modos de existência humana. Por isso, a literatura pode ser concebida “como escuta e voz do mundo”. Em outros termos: na ficção reside parte da realidade humana, como a fantasia, o desejo, a transgressão, os registros do inconsciente, que movem o mundo e traduzem inscrições da cultura que não se enxerga e não transparece nas objetividades das formas espaciais. E a realidade penetra a ficção como força que desafia, tanto limita quanto possibilita a capacidade de criar e transgredir da intenção literária.

Em se tratando das pretensões do presente artigo, a indagação é: como proceder a

aproximação entre Geografia e Literatura capaz de, em mantendo a tradição de conhecimento e as pretensões simbólicas e culturais próprias de cada um desses campos do labor humano, promover um diálogo de forma a enriquecer o modo geográfico de ler o mundo.

Literatura e existência: o espaço como mediador

Mais importante que a compreensão do encontro entre Geografia e Literatura é apropriar-se politicamente dos desígnios desse encontro: pois, se interpretar o espaço nos oferece as condições para nos localizarmos social e historicamente no mundo, e nos permite ver o seu controle e o seu domínio, viajar nas imagens literárias nos elucida que há outros desafios para existência de cada ser humano. Que é preciso sublimação e capacidade inventiva/imaginativa para descobrir/revelar o que está no e além dos corpos, além dos simulacros e das paisagens. Viver impõe uma relação constante o invisível que age fora das coisas, mas dando sentido a elas.

Cabe à literatura revelar esse desafio, com toda a legitimidade que seu estatuto ficcional e ao mesmo tempo teórico lhe garante. Pois, é tarefa universal de todo ser humano morar em si mesmo - de onde não pode sair; conviver consigo mesmo; viver

os próprios órgãos e reconhecer os seus perigos secretos, em que se guarda a vida; conviver com a cor e com as suas representações, com o próprio cheiro, equilibrar-se a consciência, a emoção, os afetos dentro de si como se tivesse num espetáculo de equilibrismo circense.

O relacionar-se consigo mesmo, dentro, invisível, diariamente – desafio universal de todo ser humano -, possui uma interveniência abrupta e incontável: todos são atravessados pelo mundo, pela cultura e pelas injunções sociais de cada tempo. Isso dá ao espaço a condição de mediador possível entre a existência e o mundo, empiricizando o tempo e o transformando como vida. Entra aqui a contribuição da Literatura quando Melo & Santos (2008) afirmam que

As frágeis fronteiras entre real e imaginário, objetividade e subjetividade tornam válida e fértil a leitura do discurso literário como instrumento de produção dos mais diversos saberes, inclusive dos denominados científicos, com suas disciplinas hiperespecializadas (p. 284).

A nossa proposta de uma abordagem geográfica que enfrente os problemas do mundo atual, ao promover uma aproximação entre Geografia e Literatura, pode nos levar a elaborar a síntese: tomar a

existência, fundada na tessitura da vida, sem levar em consideração o modo de produção capitalista, pode nos cegar para interpretar as causas sociais e históricas que criam e afirmam as desigualdades sociais, a violência e a produção da pobreza. E, noutra perspectiva, somente uma leitura do modo de produção, tal como tem sido a tradição geográfica que emergiu nos 1980, sem levar em consideração a existência, pode nos levar a perder a dimensão da singularidade e, daí, nos conduzir a não compreender as diferenças dos indivíduos e a interferência da subjetividade ou de outras categorias que balizam os sentidos do ser humano como expediente que produz a vida.

O encontro da Geografia e Literatura é, pois, uma possibilidade de intersecção entre o todo histórico - as formações socioespaciais - e o singular existencial mediado pelo espaço - e por suas dimensões. A alma desse encontro consiste em um terceiro campo em que poderão emergir cartografias de trajetórias socioespaciais impregnadas de contradições, imperfeições, medos, paixões, desejos e transitoriedades. Pressupõe-se que esse encontro produza uma espécie de estranhamento ao conhecimento hegemonicamente estabelecido e aceito, que desloca do conhecimento o sentido fixo dos conceitos

para vir a compor outras significações e categorias analíticas.

Comumente, o discurso científico lança mão da mitologia, de personagens, paisagens, lugares literários para se aproximar de um conceito ainda não estabelecido ou para produzir um deslocamento de sentido e de significações de uma dada realidade conceitual ou empírica. Um belo exemplo, no próprio campo dos estudos geográficos, é o de Amorim (2006) sobre as aventuras Julio Verne com o objetivo de resgatar o que ele considera uma das manifestações literárias mais próximas da geografia, ou seja, *a literatura de viagens, explorações e aventuras*:

Possivelmente, os relatos de viagens - em todos os seus formatos: narrações orais, relatórios escritos, diários, croquis e outros desenhos, fotografias, etc - tenham sido, desde os tempos mais remotos da história humana, uma das principais fontes da geografia. As viagens, explorações e aventuras, independentemente ou não de finalidades científico geográficas, respondem a algumas necessidades naturais do ser humano: curiosidade, espírito de aventura, gosto pelo enfrentamento de riscos, etc...

Por essas razões, as viagens de explorações e aventuras têm gerado, ao longo da história humana, dois grandes conjuntos de literaturas complementares cujas fronteiras nem sempre são claras:

- um conjunto mais numeroso de obras, em que o romanesco é a finalidade maior, embora se utilize das descrições geográficas de itinerários, regiões, lugares e paisagens como contextos ou cenários indispensáveis para seus enredos;
- um outro conjunto de trabalhos, para os quais os itinerários, regiões, lugares e paisagens são os próprios objetivos, caracterizando-se como estudos mais científicos e geográficos (p. 2 e 3)

Outro exemplo que revela algo muito próximo do que se almeja neste artigo, que é lapidar um encontro profícuo entre dois campos de saberes, é pinçado da relação entre Psicanálise e Literatura. Ceia (2011) narra como o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, transgrediu metodologicamente ao buscar na Literatura respostas para as quais a medicina se mostrava incapaz de oferecer frente à problemática humana da histeria:

Em 1895, Freud admira-se de que ‘as suas histórias de doentes se leiam como romances e que, de certo modo, não apresentem o carácter sério da ciência’. Constata que os métodos científicos utilizados em medicina não

têm qualquer valor para o estudo da histeria enquanto que uma apresentação aprofundada dos processos psíquicos, seguindo a maneira dos poetas permite uma certa inteligência do desenrolar daquela patologia. Apela aos poetas e romancistas que conhecem tantas coisas que o nosso conhecimento escolar nem sonha e que precedem sempre o cientista. Nunca sairá desta via e o seu último texto, *O Homem Moisés*, será por ele designado como um romance. Uma ficção teórica.

Uma ficção teórica! Parece um tanto bizarro, em se tratando de ciência, mas ao propósito de inventar modos de olhar a existência e de falar sobre ela, formulando novos conceitos, a Psicanálise, enquanto um campo de saber parece que encontrou sua potência justamente na relação visceral com a Literatura:

Eis como começa a relação da psicanálise com a literatura. Por uma relação interna. É à literatura que Freud vai buscar o conteúdo e a forma da psicanálise. Ele lê a cura como um romance, ouve os lapsos, ironias, actos falhos e sonhos como um texto literário. Reciprocamente, a escrita da “ficção” analítica ensina a ler a literatura. Em Freud, há uma continuidade entre a maneira de ouvir um analisando, a maneira de ler uma obra literária e a sua maneira de escrever. A obra literária não pode, na *crítica psicanalítica*, reduzir-se a

um modelo imposto por uma cientificidade. Por seu lado, a literatura ao fornecer os modelos à psicanálise, retira-a do campo médico, neurológico (...)

Para utilizar uma palavra de Freud, a obra literária torna-se assim uma mina onde investigar as táticas históricas relativas às circunstâncias e caracterizadas pelas deformações que elas operam num sistema social e linguístico. O texto literário é como que um jogo, um espaço, tão teórico e protegido como um laboratório onde se formulam, se distinguem, se combinam e se experimentam as práticas subtis da relação ao outro. É o campo em que se exerce uma lógica do outro, lógica rejeitada pelas ciências que praticam uma lógica do mesmo. Ao apoiar-se na retórica da literatura Freud devolve ao texto literário o estatuto de ficção teórica que permite reconhecer e produzir os modelos necessários a qualquer explicação histórica.

Tais fragmentos extraídos do texto do professor Carlos Ceia demonstram inequivocamente que a Psicanálise, enquanto um campo do saber em construção no início do século XX realizou dois prodígios: o primeiro de se servir metodologicamente de um campo de saber para melhorar/modificar o seu olhar sobre o outro; e o segundo de qualificar a Literatura dando-lhe o estatuto de “ficção teórica”. E, ainda, revelam a tensão até agora implícita neste artigo: a lógica do outro versus a lógica do mesmo. Essa tensão opera no mesmo sentido proposto por Claval quando nomeia a “A virada cultural na Geografia”

como a passagem do olhar do geógrafo para a Geografia como estudo do olhar dos outros. Lidar com diferentes lógicas é um desafio para a Ciência ainda fincada nos princípios do Positivismo.

Diante disso, chegamos a uma constatação muito importante para o caminho que se deseja trilhar na construção de uma relação entre Geografia e Literatura: afirmamos que a análise geográfica necessita superar o tipo abordagem em que utiliza e instrumentaliza a Literatura como ilustração e documento da realidade. A nosso ver, a Literatura não só informa ao discurso geográfico que a narrativa é polissêmica – e que assim também é a realidade / o espaço vivido - como convida o/a geógrafo/a a assumir o papel de narrador atravessado por toda a subjetividade que esse lugar pressupõe. E esse lugar não é, necessariamente, romântico nem belo, mas cheio de contradições, segregações, fantasias, medos – de existência, enfim.

Se o olhar da Ciência é aquele que observa de um ponto equidistante o objeto, na Literatura o lugar do narrador é de dentro do objeto. Porém, tentando escapar da relação polarizada sujeito/objeto, podemos dizer que na Literatura o lugar do narrador está na travessia da narrativa com a qual se envolve e pela qual é tomado. Reside aí um dos códigos que permite à Literatura chegar aonde a Ciência não chega. O narrador compõe as narrativas ao mesmo tempo em que é composto por elas.

Portanto, tomar a Literatura como um campo em “que se exerce a lógica do outro, a lógica rejeitada pelas ciências” também pode auxiliar a Geografia na complexa operação de

apreender o todo histórico considerando tanto as contradições do modo de produção capitalista com o qual são produzidas representações hegemônicas do espaço, quanto as da existência humana que, não raras vezes, produz o contradiscurso e a contrarreferência tanto quanto realiza “embaralhamento dos signos” no espaço (Chaveiro, 2010).

É inegável que os atuais arranjos socioespaciais exigem ferramentas teóricas e olhares capazes de enfrentar os novos desafios postos pelo paradigma da globalização. Observa-se uma tendência de compressão do espaço e do tempo em decorrência do ritmo de produção em escala intensa, contínua e planetária. Peter Pál Pelbart (1993) fala do ideal tecnocientífico de absolutização da velocidade a ponto de abolir o tempo e o espaço:

O lema do capitalismo foi outrora o do "tempo é dinheiro": era preciso fazer o máximo no mínimo de tempo, maximizar a produtividade, deslocar-se na maior velocidade possível, em suma, economizar tempo em todos os sentidos. Mas nas últimas décadas assistimos a uma mutação a esse respeito que mal chegamos a entender. Não se trata mais de ganhar tempo, porém de abolir o tempo. O ideal tecnocientífico contemporâneo consiste em absolutizar a velocidade a ponto de dispensar o próprio movimento no espaço anulando assim não só a geografia e o tempo de duração desse deslocamento, mas a própria ideia de espaço, de tempo e de

duração. É o ideal do tempo zero e da distância zero. Não se trata mais, hoje, de favorecer, através das vias de comunicação e dos veículos automóveis, um nomadismo desenfreado, como na primeira metade desse século. As tecnologias do pós-guerra criaram um novo veículo, estático: a televisão. De propagação instantânea e indiferente à geografia, o audiovisual inaugurou um novo regime de temporalidade: a instantaneidade. O instante sem duração, uma espécie de eterno presente, sem espessura, pura persistência da retina na fonte teleluminosa em meio a uma simultaneidade universal. Não mais nomadismo, mas sedentariedade onipresente. Não mais partir, porém deixar chegar. Fim das distâncias temporais e espaciais. A ordem agora é habitar a velocidade absoluta no instante contínuo da emissão. Instalados nessa instantaneidade, e privados do tempo e do espaço, assistimos à verdadeira desmaterialização tecnológica (P. 32 e 33).

O que pode o sujeito num instante sem duração? Quais as implicações da suposta anulação do tempo e do espaço, portanto, da Geografia para o sujeito metropolizado? Qual o papel da Literatura diante disso tudo? Essa problemática também está relacionada ao modo como certo tipo de “Literatura” contribui não pra uma ampliação do olhar

sobre o sujeito, mas para acalmar o incômodo da fragmentação narcísica de uma subjetividade crente no e impregnada do instante contínuo. A seguir, vamos tratar um pouco desse sujeito e da Literatura pragmático - mercadológica muito em voga nos tempos atuais.

Livros nas prateleiras: simulacros da literatura contemporânea e a existência fragmentada na metrópole

Para o professor Ildeu Moreira¹, o trabalhador intelectual deve, constantemente, folhear livros em bibliotecas, ver o que há de novidade na oferta de temas, perscrutar a diversidade de gêneros, perceber autores que estão, em cada momento, dominando os espaços da produção acadêmica, interpretar os signos imagéticos das capas, fazer o quanto possível uma hermenêutica dos títulos e, daí, proclamar uma aproximação vital com esse corpo sem mãos de alma infinita: o livro. Na sociedade capitalista, a Literatura tem a ver com a indústria do livro assim como a ciência tem a ver com a indústria do conhecimento.

Ao observar, nessa perspectiva, a oferta de livros nas livrarias de um Shopping Center, por exemplo, percebe-se que em todas as lojas há uma mesma disposição visual: na prateleira próxima à porta de

entrada do prédio um amontoado de livros, sob adorno, compondo uma espécie de instalação real. Nessa prateleira, em filas e em cruzamentos em diagonal, aparecem, inicialmente, livros do gênero autoajuda e esotéricos; logo em seguida, ou na mesma prateleira, são expostas as biografias escritas pelos autores, biografias autorizadas ou encomendadas, especialmente as das chamadas “celebridades midiáticas” que efetivam a coluna “dos mais vendidos”.

Certa vez, em um debate conduzido por um jornal brasileiro de circulação nacional², intelectuais trataram da força desses gêneros denominando-os “literatura pragmático-metafísica” e “literatura confessional”, ao se referirem respectivamente sobre os livros de autoajuda e os biográficos. Ambos, embora com estilos, estrutura e enredos diferenciados, se assemelham num sentido: expressar os impasses do sujeito contemporâneo, afundado numa postura narcísica e desconfiado da solução coletiva.

Não à toa que Rolnik (1997), ao investigar a subjetividade na globalização, coloca o esoterismo e a autoajuda junto com a tecnofilia, com o corpo *top model*, com as dietas *light*, com os fármacos e com as drogas propriamente ditas. Nessa lista dos

¹ - professor aposentado da UFG na cadeira de Filosofia da Educação/FE.

² - Jornal Folha de S. Paulo - São Paulo, domingo, 14 de setembro de 2003

troncos que produzem subjetividade contemporânea, acrescenta, ainda, o crescimento religioso. Contra a fragmentação que lhe acomete, o sujeito que porta esta subjetividade, grita pedindo socorro a diferentes linhas de fuga. Essas linhas se subdividem em duas: nas identidades enrijecidas que teimam em não aceitar as mudanças sociais que lhes impactam; e as identidades que procuram, incessantemente, próteses identitárias contra o efeito fragmentador que penetram o seu mal-estar.

Sozinho na multidão; narcísico e desamparado; carente, mas hedonista; angustiado e violento; esse sujeito alinha-se a efeitos de miragens ou a efeitos de miraculagens. Nos dois casos, as linhas de fuga extraviam o sujeito de um contato com as forças sociais que produzem essa subjetividade. Ao retirar-lhes do enfrentamento da dor e dos conflitos, afasta-os de conhecer as instituições que as proclamam. E os interesses que as levam a desenvolver táticas de comércio de dor.

Neste pleito, a questão é: não seria a literatura pragmático-metafísica, como a autoajuda e as biográficas, de tino confessional, o suporte de fuga de um sujeito comandado pelo mercado por meio de suas enunciações discursivas e simbólicas? O problema poderia ser: narrar os

efeitos heróicos de uma vida, como são as biografias, ou declamar modos miraculosos de se safar dos problemas sociais que atingem o indivíduo não seria uma adesão simbólica à sociedade da imagem?

Uma interpretação da simples disposição dos livros nas prateleiras de um Shopping poder-se-ia nos conduzir a uma compreensão próxima ao que Sousa (2010) faz: a leitura está inserida em mudanças sociais, econômicas e culturais. A disposição dos livros nas prateleiras, seus gêneros, seus temas e/ou títulos etc, revelam sentidos sociais que remontam o tempo – e o curso do sujeito contemporâneo em seus desvelos. Onde se conclui que a própria Literatura (sem cair no debate da boa ou má literatura)

Numa outra perspectiva da espacialização dos livros é preciso considerar a cidade e seus processos de segregação, os territórios descritos por Santos (2009) como opacos em que o acesso aos livros depende das poucas bibliotecas escolares, e da sensibilidade de um ou outro professor (ou professoras), que, vez em quando, apresentam autores e boas histórias a estudantes das escolas da periferia de uma cidade. Nada de livrarias com instalações paradisíacas com apelos irresistíveis ao consumo.

Esta outra espacialização dos livros, determinada pela divisão do trabalho e, em última instância, de classe social, aponta para a questão do acesso aos livros e, também, e mais do que isso, do acesso aos códigos culturais³, sendo que esta não se restringe a uma classe social. Talvez por isso, editoras e livrarias atuais se fartem em vendas com seus apelos à literatura “pragmático-metafísica”.

Se há mais gente tendo acesso a livros, não se pode afirmar que isso ocorra na mesma proporção em relação ao acesso aos códigos culturais, aos códigos literários: como “escolher” livros, cada escritor, romance ou poesia diante da miríade de livros dispostos nos bem decorados estandes do moderno mercado cultural? Em que gavetas estão guardados os códigos que abrem as portas da imaginação para acolher as metáforas e os estratagemas discursivos que cada tempo literário? Como se encontrar com os efeitos sutis e a estética da arte literária? Como produzir o encontro entre literatura e existência?

Rodriguez (2008) afirma que para democratizar o acesso à arte é necessário que se gaste tanto na promoção de eventos culturais quanto no ensino dos códigos:

³ - “No caso dos textos narrativos, a vigência de códigos tem que ver basicamente com três questões: com as características modais da narrativa, com a pluralidade de códigos que a estruturam e com a especificidade dos signos que integram esses códigos” (Reis e Lopes, p. 103 e 104)

Para amar a arte é preciso formação. Sob o olhar de alguém que não domine essa linguagem, as Demoiselles d’Avignon de Picasso não passarão de mulheres mal pintadas ou de um símbolo de status que se deve colocar bem à vista, na sala de visitas (p.26).

Aqui aparece outra necessária aproximação entre Literatura e Geografia, entre Literatura e Ciência. A Ciência tem os códigos, mas os acumula em suas estantes, privando as pessoas de compreensão do processo do conhecimento e até da capacidade crítica. Por outro lado, o mercado oferta em abundância livros sem códigos literários, sem status criativo como conhecimento em cápsulas que são processadas automaticamente quando consumidas. No entanto, os códigos culturais, assim como os científicos continuam “pertencendo a poucos”, porque poucos são formados para obtê-los.

Na literatura, e especialmente n’O Romance, o conteúdo ganha credibilidade, ritmo, afetos e emoções a partir de uma estratégia discursiva, isto é, por meio dos elementos que constituem a narrativa. Ao contrário do que pensa nossa geração intoxicada de informações, o encantamento é produzido pelo modo como a história é narrada, isto é, pela

mimese do processo de criação. Embora sendo inseparável da história, o discurso é o seu conteúdo revolucionário, não pelo conteúdo em si, ou pelo seu volume, ou pela sua valoração moral. Conforme Reis e Lopes (2000):

Em narratologia, o termo discurso aparece geralmente definido como domínio autônomo em relação à história. Com esta distinção conceitual, pretende-se discriminar metodologicamente dois planos de análise do texto narrativo: o plano dos conteúdos narrados (história) e o plano da expressão desses mesmos conteúdos (discurso), planos que, entretanto, devem ser entendidos como sendo correlatos e, por isso, sustentando entre si conexões de interdependência” (p. 29).

Se o discurso é o problema da Literatura, ele o é, também, para a Ciência e, portanto, para a Geografia. Pois, se pretende chegar até o real, a Ciência, na verdade, produz no máximo, um discurso sobre a realidade. Onde se conclui que a Literatura, assim como a Ciência, não pode ter a função de linha de fuga e menos ainda de ser prótese identitária de uma subjetividade incomodada pelos novos paradigmas da produção socioespacial. Se o forem, deixarão de ser Ciência e Literatura. Ao contrário, é função desta última instalar-se

justamente no âmago do incômodo e da dor; cutucar as contradições até que a imperfeição se revele e se torne alma da existência. Torcemos para que a Ciência também se queira e se aceite assim, porque a incompletude da escrita revela também a incompletude da Ciência. Quer queira, quer não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas (a)bordados neste artigo não receberam tratamento conceitual de modo a produzir conclusões definitivas, muito menos um sentido único, ao contrário, paradoxos e contradições são matéria prima do pensamento nele desenvolvido. O efeito polissêmico ou de abertura de sentidos para o debate central faz parte do estratagema de visibilidade dos pontos tensionados pela relação Literatura e Geografia, Literatura e Existência.

Em meio ao debate paradigmático da pluralidade e diversidade nas abordagens geográficas (Amorim, 2006), buscou-se configurar um diálogo entre dois campos de saber tomando a existência como ponto central das reflexões. Aqui as palavras estão organizadas de forma a problematizar mais do que conceituar. Justamente por isso as consideramos reveladoras de aspectos importantes no que se refere à relação entre Geografia e Literatura.

Começaremos pela confirmação da possibilidade e, talvez, da necessidade de superar a função utilitária da Literatura nas análises geográficas em que textos e personagens literários figuram como ilustrações ou como suas justificativas. Tomamos, como foi dito, a literatura como guardiã de uma realidade em que há os de dentro e os de fora, ou como elabora Santos (1999) os da horizontalidade e da verticalidade, porém inseparáveis e coexistentes o tempo todo.

Neste caso, estamos apontando para uma relação metodológica entre Literatura e Geografia para desenvolver uma abordagem geográfica capaz de conduzir o pensamento a ir às densas experiências humanas em sua relação com o espaço, nas dimensões múltiplas do humano e nos conflitos próprios dos espaços capitalistas. – Eis uma questão que move o interesse que temos em aglutinar geografia e literatura.

Em outros termos, uma leitura da existência que leve em consideração e outorga valor aos seus componentes como o afeto, as sensibilidades, os valores, as ideologias, o desejo, as intencionalidades, os sentidos e os significados das coisas e do próprio humano etc, como tramas da vida não pode sucumbir-se e reduzir-se aos processos sociais gerais. Da mesma maneira, que não deve prescindir das determinações históricas, sociais, culturais

que remontam à estrutura do modo de produção, a organização, a diferença e a luta entre classes sociais, a ação geopolítica das instituições hegemônicas, a força da divisão internacional do trabalho e das desigualdades sociais e regionais.

Ao tomar o espaço como objeto de reflexão essencial e nuclear, o dispõe como realidade povoada de ações e sentidos, de densidades históricas e de símbolos do sujeito que, ao construir a sua vida enreda-a no espaço matizando-o e interferindo em seu conteúdo. Descobrir dimensões existenciais do espaço, como a memória, a subjetividade, as narrativas, as táticas de vida, as picardias, o enredo de situações, pode ter a contribuição da literatura, em que o espaço é uma mediação obrigatória, pois não há personagem sem ação e está sem vínculo com o espaço.

Cabe ao vislumbre da narrativa literária dizer o mundo e o sujeito pelo critério estético, estender-se os sentidos pelo recurso da metáfora e da imaginária criadora. Todavia, o sujeito que narra, ficcional, inventa e imagina tem a sua subjetividade formada no mundo real de que é herdeiro cultural. Assim, a sua ficção – rente nas sutilezas e no tecido da vida, em seus absurdos e nos protagonismos de combinações infinitas - diz o real por meio de suas possibilidades de criar, transporta o mundo nas narrativas. Na ficção o seu

real escondido – e inventivo – se expõe esteticamente. E o que é sutil, singular pode ganhar pleitos universalizantes.

Averiguar a dimensão simbólica da vida inclui ver o espaço trançado de ideologias, de propósitos e intenções. Daí, transformar a sensibilidade em argúcia e perícia de ver o real descoberto, não dito apenas pelos esquemas conceituais e pelos padrões teóricos, é uma contribuição literária à geografia. Livre da vigilância teórica pode-se ver o real além das funcionalidades. Ligado aos conceitos pode gerar sentido universal às narrativas.

Tal como a Ciência, mas de maneira diferenciada, o instrumento da literatura é a linguagem. Por meio dela, o narrador age sobre o mundo, produz imagens, incursiona nos impasses humanos tidos como poucos significativos e com pouca capacidade de serem acessados e documentados. Ao se aproximar da ciência, no caso da Geografia na leitura do espaço, a literatura, ao mostrar faces da existência, pode interseccionar com a densidade histórica dos eventos, dos acontecimentos, dos conflitos sociais e da acumulação capitalista. O processo de crítica, dessa maneira, pode ultrapassar os esquemas repetidos, os parâmetros conceituais e, então, alargar o ver geográfico. E a ficção pode dizer o tempo por critérios da liberdade criadora.

REFERÊNCIAS

AMORIM, O. B. **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** In: Kozel, Silva e Gil (Org.) *A Pluridade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais.* Editora Terceira Margem: São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia Escolar e a Cidade: ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas: Papirus, 2008.

CHAVEIRO, E. F. **A metrópole contemporânea: pontos para uma reflexão** (mimeo).

CLAVAL, P. **Do olhar do geógrafo à geografia como estudo do olhar dos outros.** Conferência proferida no NEPC/RJ, Rio de Janeiro, 2004, (mimeo).

CEIA, C. s.v. "**Pós-modernismo**", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em dd-mm-20aa.

MELO, A. F. de. SANTOS, D. M. dos. **Cidade e Escritura: cartografias do transitório.** In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org). *Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar.* Editora UFMG: Belo Horizonte/MG, 2008.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?.** Editora Contexto: São Paulo, 2006.

PELBART, P. P. **A nau do tempo rei.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

REIS, C., LOPES, A. C. M. **Dicionário de Teoria da Narrativa.** São Paulo/SP, Editora Ática: 2000.

REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. 2ª Edição, Martins Fontes: São Paulo/SP, 2004.

RODRIGUEZ, J. R. Amar a arte e mudar o mundo. In: **Revista Norte – cultura no sul do mundo**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, março e abril de 2008.

ROLNIK, S. **Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização** in *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas 1997; pp.19-24.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUSA, A.; MOREIRA, A. de. Geografia e Literatura: **A representação de Goiânia em fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício**. Editora Kelps: Goiânia/GO, 2010.